



# Fortaleza S. Julião da Barra



A Fortaleza de São Julião da Barra é um magnífico exemplar da arquitetura militar barroca, cuja construção teve início na segunda metade do século XVI, durante o reinado de D. João III, para reforço do sistema defensivo da Barra do Rio Tejo. A ocupação inicial deste lugar resumia-se à existência de uma ermida dedicada a São Gião ou São Julião, padroeiro dos barqueiros, localizada na ponta rochosa de São Gião, na margem direita do Rio Tejo.

A intensificação do comércio marítimo ultramarino exigia reforço da defesa do litoral português, que na época se transformou num importante entreposto comercial, tendo a fortaleza sido considerada como o "Escudo do Reino", passando a ser o mais poderoso sistema de defesa do litoral lisboeta nomeadamente a barra do Tejo, cruzando fogo com a Torre do Bugio (Forte de S. Lourenço do Bugio).

Em 1802 e com o Regimento de Artilharia da Corte aquartelado na fortaleza, foi estabelecido um colégio de educação, destinado aos filhos dos militares do Regimento, sendo a génese do que é hoje o Colégio Militar, com mais de 200 anos de história.

A fortaleza foi também um cárcere militar e político, destacando-se de entre os prisioneiros, o General Gomes Freire de Andrade, preso e enforcado no exterior do revelim.

No início do século XX ainda mantinha uma linha-férrea, que passava sobre o fosso e no interior da fortaleza, criando acessibilidades para o transporte das pesadas munições utilizadas nas novas baterias de costa. As últimas missões militares deram-se em 1831 e 1833, na luta entre absolutistas e liberais.

Em 1947 a Fortaleza de São Julião da Barra é desativada da sua função defensiva e de refúgio de inúmeras figuras internacionais.

A partir de 22 de julho de 1951 e com a total remodelação, a fortaleza é desclassificada como fortificação militar e passa a ter novas funções como serviço de faróis e atos de representação de organismos integrados na Defesa Nacional.

A 18 de julho de 1957, foi classificada como Imóvel de Interesse Público pelo decreto n.º 41191, estando agora sob a tutela do Ministério da Defesa Nacional.

Mais de 450 anos de história ao serviço de Portugal.



**CRIAMOS FUTUROS**

Vem conhecer as tuas

**NOVAS**  
opções de  
**CARREIRA**  
e descobre o teu  
**FUTURO**

[RECRUTAMENTOMILITAR.BUD.GOV.PT](http://RECRUTAMENTOMILITAR.BUD.GOV.PT)



**Ministério da Defesa Nacional**

Direção de Serviços de Comunicação e Relações Públicas

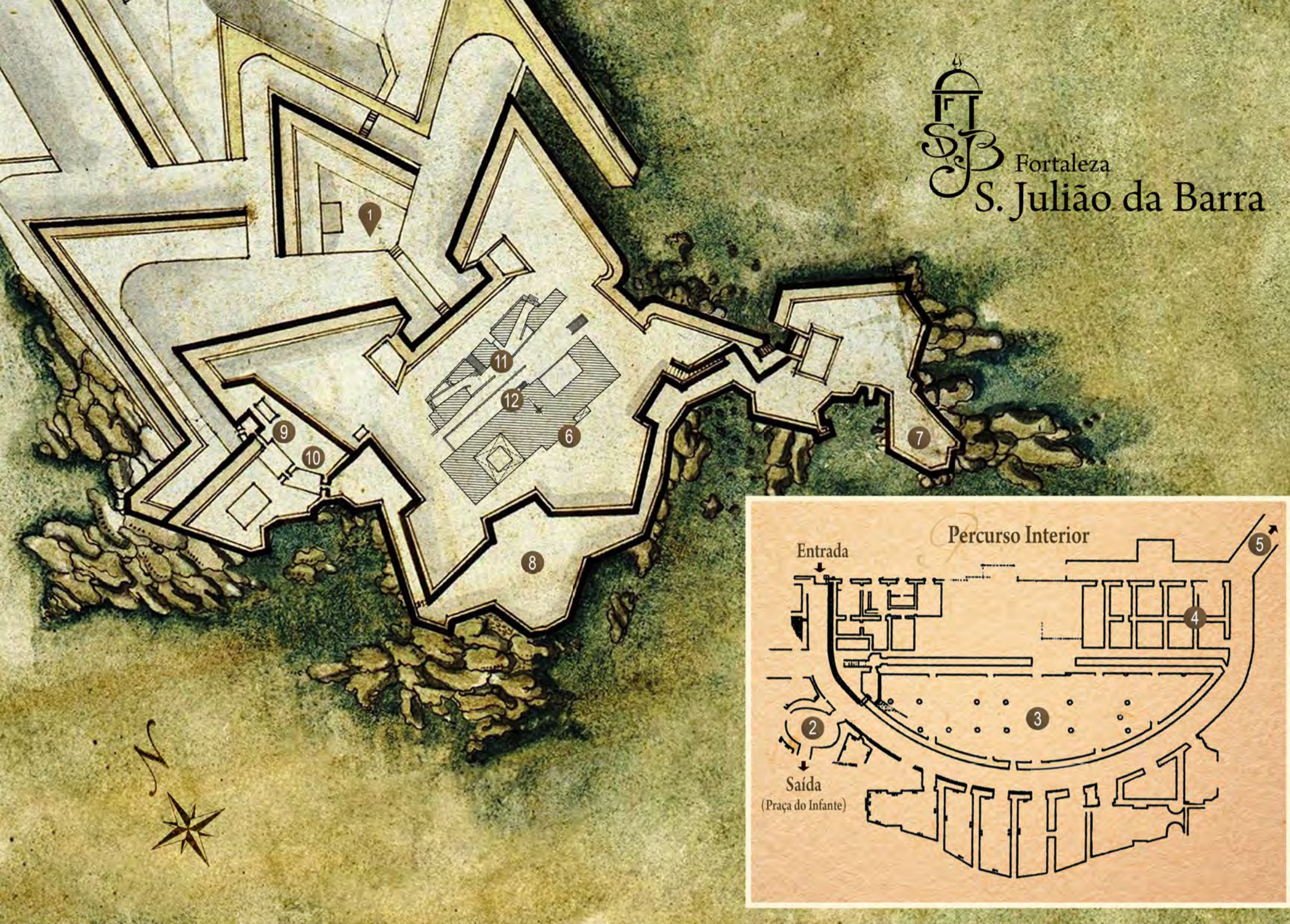
Tel: 21 303 85 20

[dscrp.fsjb@defesa.pt](mailto:dscrp.fsjb@defesa.pt)

**Forte de S. Julião da Barra**

Morada: Estrada Marginal – 2780-267 Oeiras

Latitude: 38º 40' 21" N | Longitude: 9º 19' 34" O



### 1 Revelim

Mandado construir por D. João IV (1650) é uma obra do arquiteto francês Nicolau de Langres, de planta triangular e com o objetivo de melhorar a defesa da fortaleza do lado de terra. Esta construção permitiu uma melhoria do poder de fogo com a colocação, nos seus terraços, de mais peças de artilharia. Estes terraços desempenharam, também, um papel importante no aproveitamento e encaminhamento das águas pluviais para a cisterna ali construída. Com os melhoramentos efetuados, a entrada na fortaleza passou a fazer-se por este local.

### 2 Sala das Colunas

Na antecâmara da antiga Porta de Mar, que dá acesso à esplanada baixa (Praça do Infante), encontra-se um conjunto de colunas e pilastras entalhadas e policromadas, indianas, datadas da segunda metade do século XVII.

### 3 Sala da Cisterna

Situa-se no interior da fortaleza. Escavada na rocha, foi outrora um reservatório de água que abastecia a população civil e militar que ali vivia. Possui uma estrutura em três naves, de teto abobadado, com aristas reforçadas por arcaria e suportadas por fortes colunas monolíticas.

### 4 Prisões

Também conhecidas por "Masmorras de S. Julião", foi a mais temida prisão de Estado dos séculos XVIII e XIX. Encerrou presos de delito comum, outros que aguardavam o degredo, padres jesuítas e liberais, e ainda presos políticos, sendo o mais célebre o general Gomes Freire de Andrade, acusado de chefiar a chamada "Conspiração de 1817".

Junto às prisões existe uma pequena capela onde os presos podiam exercer a sua fé e onde encontramos uma imagem de S. Nuno Álvares Pereira (1360-1431), Santo Condestável, herói de guerra e padroeiro da Arma de Infantaria.

### 5 Portas de Mar

Estas portas desempenharam um papel muito importante ao longo da história, sendo de vital importância para o abastecimento da fortaleza quando este vinha por mar. Enquanto parte integrante da terceira linha das Linhas de Torres Vedras, a fortaleza tinha como principal missão apoiar a retirada das tropas britânicas para os seus navios, caso estas não conseguissem deter o exército francês.

### 6 Palácio de S. Julião da Barra

Estrutura utilizada a partir de meados do século XX como local de recepção e pousada de ilustres visitantes, nacionais e estrangeiros, apresentando exemplos de grande valor arquitetónico e cultural. Deste espaço destacam-se a biblioteca e a zona dos claustros. A biblioteca, normalmente utilizada para reuniões oficiais, reúne um acervo de livros antigos e raros, incluindo toda a história da fortaleza e dos feitos militares de Portugal.

A zona dos claustros, também designada por pérgula, é um espaço parcialmente coberto, de onde se pode admirar a barra do Tejo e o mar azul do Oceano Atlântico. Na sua praça dianteira podemos também admirar um magnífico relógio de sol da autoria do General Henrique Pereira do Vale. A circundar a peça, consta a frase "Cuj alto império o sol logo em nascendo vê primeiro" (Lusiadas, Canto I).

### 7 Baluarte de S. Filipe

Construído durante a dinastia filipina, foi considerado o baluarte mais importante. As suas peças de artilharia cruzavam fogo com as peças do Forte de S. Lourenço do Bugio ou Torre do Bugio.

Os baluartes eram utilizados como plataforma de artilharia, para cruzar fogos com os baluartes vizinhos, impedindo o assalto inimigo às cortinas situadas entre eles. A estrutura da fortaleza assenta na construção de cinco baluartes de diferentes dimensões - S. Pedro, S. Filipe, Sto. António, D. Fernando II e dos Marechais.

### 8 Praça do Infante

Nome atribuído, em meados do século XX, à esplanada baixa com a edificação da estátua do Infante D. Henrique na zona central.

Esta praça assenta no baluarte de Sto. António onde funcionou a bateria dos apóstolos que possuía duas ordens de fogo assestadas na direção do mar.

### 9 Cozinha Velha

Espaço de cozinha, equipado com um majestoso fogão a lenha, destinado à confeção de refeições a fornecer aos militares que faziam parte da guarnição do Regimento de Artilharia da Corte e a militares das guarnições aqui aquarteladas.

### 10 Sarrilho

Situado na ponta oeste da fortaleza, constituía a entrada do lado de terra cujo acesso se efetuava através de uma ponte levadiça, indo comunicar com a porta dos cardeais. O Sarrilho é composto por um mecanismo acionado pela força humana, permitindo a abertura e fecho desta porta através de um movimento ascendente/descendente, garantindo, assim, maior segurança aos habitantes da fortaleza.

### 11 Torre de Farol e Cela General Gomes Freire de Andrade

Em 1761 (reinado de D. José) entra em funcionamento o Farol de S. Julião que, conjuntamente com o Farol do Bugio, servia de guia às embarcações que cruzavam a barra do Tejo. Inicialmente alimentada a azeite e posteriormente modernizada, é ainda hoje respeitada pelos marinheiros, servindo de guia à navegação, conjuntamente com o seu homólogo do Bugio, formando um alinhamento que define a entrada/saída da Barra de Lisboa.

É no piso térreo que existe um espaço que serviu de cárcere ao General Gomes Freire de Andrade (no exterior, poema e painel de azulejos alusivos). Está ladeada por alojamentos que serviam a guarnição ali instalada.

### 12 Capela de Nossa Senhora da Conceição

A Capela possui azulejos policromos da Fábrica de Faiença Battistini, executados nos anos 50 por discípulos de Leopoldo Battistini, destacando-se Maria de Portugal (que continuou a tradição da cerâmica portuguesa até à década de 70). Nos painéis de azulejos encontramos várias figuras ligadas à história de Portugal, tais como D. Afonso Henriques, a Rainha Sta. Isabel e Luís de Camões, assim como uma referência às tapeçarias de Pastrana. Os vitrais são igualmente da mesma época.

